

RELAÇÕES DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE: O ESPAÇO OCUPADO PELAS ALUNAS E PROFESSORAS NA UFPB

Laura Suênia Felipe dos Santos – Universidade Federal da Paraíba - laurasuenia58@gmail.com

Fabrícia Sousa Montenegro – Universidade Federal da Paraíba - fabriciamontenegro@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na Universidade Federal da Paraíba, cuja proposta foi identificar o lugar das mulheres na citada instituição, mais especificamente, no Centro de Ciências da Saúde, Centro de Educação e Centro de Tecnologia do campus I da UFPB.

Sabe-se que no Brasil o acesso à educação e o ingresso das mulheres no Ensino Superior aconteceu de forma lenta e tardia, por volta dos anos de 1970, sendo o resultado de esforços dos movimentos sociais do país em busca de oportunidades mais equitativas em termos educacionais, considerando que este é um direito humano fundamental.

Embora percebam-se avanços e conquistas no campo acadêmico, as mulheres enfrentam inúmeras dificuldades para ascenderem nas suas carreiras, independente da nacionalidade e classe social (Lievore, 2020). Considerando que, apesar da crescente participação feminina nas atividades científicas do país, estas ainda não avançaram em cargos de liderança e posições de destaque e reconhecimento, testemunhando a desvantagem de atuar num sistema controlado majoritariamente por homens (Velho; León, 1998).

Segundo Tonini e Araújo (2019), há também uma sub-representação feminina no sistema científico e tecnológico, o que indica um pequeno número de mulheres em determinadas áreas ou subáreas do conhecimento. Ou seja, as mulheres estão bem representadas em áreas da ciência *soft*, como saúde e educação, mas são a minoria em áreas mais ligadas a produção de ciência e tecnologia, a exemplo das ciências exatas e engenharias (Guedes, 2008).

Para Rico (1996), as mulheres geralmente escolhem as carreiras que são verdadeiras extensões do seu papel social, tradicionalmente a elas atribuído, o que favorece e perpetua a desigualdade de gênero e a divisão sexual do trabalho, o que

justifica a baixa participação feminina nas áreas de STEM que envolve Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática. Não raramente ouve-se afirmações tais como “esse curso não é para mulher” ou, ainda, “há que se procurar uma área que tem afinidade com as habilidades femininas, por exemplo, áreas de humanas, sociais, sociais aplicadas, biológicas e saúde” (Tonini; Araújo, 2019).

A pesquisa identificou os cursos com maior e menor presença feminina, verificou a participação das mulheres nos projetos acadêmicos e na gestão universitária, com atenção para os cargos de direção de centro, chefia de departamento e coordenação de curso. Os resultados da pesquisa são importantes porque sinalizam as relações de gênero na UFPB e os espaços ocupados pelas mulheres nesta relevante instituição universitária.

DESENVOLVIMENTO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória com perfil de levantamento Gil (2008), com abordagem de natureza qualitativa, realizou-se inicialmente, o estado da arte sobre as publicações dedicadas às políticas do ensino superior, especialmente, quanto as questões relativas à igualdade de gênero e democratização da universidade pública, a inserção das mulheres no ensino superior, suas conquistas e seus desafios. Esta primeira etapa do estudo centrou-se na busca por artigos científicos na base de dados bibliográficas ibero-americana, *Redalyc*, onde foi realizada uma sondagem das publicações indexadas entre os anos 2003 e 2023, a partir dos descritores “Democratização da Universidade”; “Democratização da Universidade e Gênero”; “Mulheres na Ciência”.

Na segunda etapa da pesquisa, através do Sistema Integrado de Atividades Acadêmicas (SIGAA) e das páginas dos cursos analisados no site da instituição, verificou-se o espaço ocupado pelas mulheres em três cursos de graduação de cada centro, os projetos de ensino, pesquisa e extensão com maior e menor inserção feminina, observando as áreas de conhecimentos a que estão vinculados. Esse processo exigiu um período importante de coleta de dados, tendo em vista que nem sempre as informações estavam disponíveis nas páginas dos centros, implicando na necessidade de buscar e confirmar informações também nas páginas das Pró-reitorias de Ensino, Pesquisa e Extensão. Por fim, identificou-se por meio das páginas eletrônicas dos centros de ensino, os cargos de gestão universitária com maior e menor participação das mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa indicaram a representatividade feminina no Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Educação (CE) e Centro de Tecnologia (CT) da UFPB.

No CCS observou-se uma significativa participação feminina na docência, considerando a soma dos 12 departamentos do Centro, sendo um total 255 mulheres e 135 homens. O número de alunas nos cursos de graduação do CCS, também prevalece em relação ao de alunos. O curso de Farmácia, por exemplo possui 205 mulheres matriculadas e 163 homens. Já em Odontologia há 206 alunas ativas e 153 homens. E no curso de Fisioterapia tem 268 alunas e 154 alunos.

No CE também foi constatado a significativa presença das mulheres na docência. O número de mulheres professoras é relativamente o dobro, em comparação ao número de homens. Com relação ao espaço ocupados pelas alunas no CE, os índices apontam uma grande representatividade feminina nos três cursos de graduação analisados, sendo 200 mulheres e 246 homens no curso de Ciências das Religiões. Já no curso de Psicopedagogia as mulheres representam 332 matrículas ativas, enquanto os homens são apenas 51 discentes ativos. No curso de Pedagogia – Educação do Campo os números são ainda maiores, as mulheres destacam-se com 365 matrículas e os homens apenas com 21.

No CT constatou-se uma alta discrepância por gênero no número de docentes referentes aos departamentos ligados ao referido centro de ensino. A soma dos dados coletados aponta que há 78 mulheres e 137 homens na docência do CT. Com relação ao número de alunas nos três cursos que foram analisados no CT, apenas em Arquitetura e Urbanismo detectou-se as mulheres como sendo maioria no número de matrículas com 241 e os homens com 130. Nos demais cursos, Engenharia Mecânica e Engenharia de Produção, a predominância é maioritariamente masculina. Cantal e Pantoja (2019) afirmam que o número reduzido de mulheres que atuam nas áreas da Ciência e Tecnologia (C&T), mais particularmente nas ciências exatas, é resultado de um processo de exclusão socialmente construído ao longo dos séculos.

Quanto à participação das mulheres nos projetos acadêmicos dos Centros analisados, os dados expõem a significativa presença de alunas e professoras, nos projetos acadêmicos vinculados ao CCS e ao CE, sendo estes ligados as áreas consideradas

femininas. Já no CT, nota-se uma reduzida representatividade das mulheres. Isto se dá devido à segregação territorial, aludida por Rossiter (1993), que foi evidenciada na pesquisa de Larivière (2013), onde constatou que as áreas regidas por mulheres envolvem enfermagem, linguagem, educação, trabalho social e biblioteconomia, enquanto que os homens dominam as ciências militares, engenharias, robótica, física, matemática, ciência da computação e economia.

Em relação aos cargos de gestão universitária, os dados demonstram que as mulheres são a maioria nos cargos de chefias departamentais dos centros de ensino analisados, sendo 17 mulheres e 12 homens. No âmbito dos cargos de coordenação de curso de graduação do CCS, CE e CT, os homens se destacam sendo o maior número em comparação às mulheres. Na coordenação dos cursos de pós-graduação, pode-se observar que continua a discrepância de gênero com 25 homens 16 mulheres na gestão da pós-graduação.

Após a análise dos dados, evidenciou-se a baixa participação feminina nos cargos de direção e vice-direção dos centros estudados, sendo este ainda um ambiente de predominância masculina. Quanto mais se avança na hierarquia do trabalho, menos representantes mulheres são encontradas (Carvalho Neto; Tanure; Andrade, 2010). Desse modo, a discrepância de gênero revelada na ocupação destas funções universitárias explicita a hegemonia masculina em cargos de chefia. Consequentemente, não há garantias de acesso, de oportunidade e de equidade à mulher, que assegurem efetivamente sua participação ativa nos cargos de liderança (Lievore, 2020).

CONCLUSÃO

Considerando o contexto histórico do tema, é possível afirmar que, nos últimos anos, houve avanços consideráveis no que diz respeito a inserção das mulheres no âmbito acadêmico e científico. No entanto, os dados do estudo apontam que, apesar da crescente participação das mulheres na ciência, ainda há muitas barreiras a serem transpostas na luta para conquistar cada vez mais o seu espaço na academia. Para que essa realidade venha a ser transformada, Bolzani (2017) afirma que é importante que se exerçite um debate contínuo sobre a questão de gênero de forma que ele envolva homens e mulheres, pois a universidade é um espaço fundamental para essa prática, tendo em vista que é seu papel discutir ideias em busca de uma sociedade mais igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

- BOLZANI, V. S. Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas? **Ciência e cultura**, v. 69, n. 4, p. 56-59, 2017.
- CANTAL, Amanda.; PANTOJA, Glauco. **Mulheres no curso de Licenciatura Integrada em Matemática e Física da Universidade Federal do Oeste do Pará: mapeando trajetórias sob a perspectiva de gênero**. Gênero na Amazônia, Belém, n. 15, jan./jun.,2019.
- CARVALHO NETO, Antonio Moreira de; TANURE, Betania; ANDRADE, Juliana. **Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos. Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 9, p. 1-23, 08 jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/raael/a/rCHcJNkRPW4SYjh8WHSK6Ch/?format=pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUEDES, Moema de C. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 117-132, 2008.
- LARIVIÈRE, Vincent et al. **Bibliometria: disparidades globais de gênero na ciência**. Nature News, v. 504, n. 7479, p. 211, 2013.
- LIEVORE, Caroline.; LIEVORE, Maria Eduarda. Presença feminina na pesquisa brasileira: A quebra de paradigmas. **Mulheres na pesquisa: reflexões sobre o protagonismo feminino na contemporaneidade/ [livro eletrônico]** / Virgínia Ostroski Salles (Org.). Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. (Coleção Singularis, v.11) 363 p.; e-book PDF Interativo.
- RICO, Maria Nieves. **Formación de los recursos humanos femeninos: prioridad del crecimiento y de la equidad**. Cepal. Serie Mujer y desarrollo, nº 15. Santiago de Chile, junio, 1996.
- ROSSITER, Margaret W. **The Matthew Matilda effect in science**. Social Studies of Science, v. 23, n. 2, p. 325-341, 1993.
- TONINI, Adriana Maria; ARAÚJO Mariana Tonini de. **A Participação das Mulheres nas Áreas de Stem (Science, Technology Engineering and Mathematics)**. Revista de Ensino de Engenharia, v. 38, n. 3, p. 118-125, 2019 – DOI: 10.37702/REE2236-0158.v38n3p118-125.2019.
- VELHO, L e LEÓN, E. “**A construção social da produção científica por mulheres**”. Cadernos Pagu 10, 1998, pp. 309-344.